
A escrita da dor e a violência ordinária

The writing of pain and the ordinary violence

Thalia Marques



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/14936>

DOI: 10.4000/pontourbe.14936

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Thalia Marques, «A escrita da dor e a violência ordinária», *Ponto Urbe* [Online], 31 v.1 | 2023, posto online no dia 25 julho 2023, consultado o 27 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/14936> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.14936>

Este documento foi criado de forma automática no dia 27 de setembro de 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

A escrita da dor e a violência ordinária

The writing of pain and the ordinary violence

Thalia Marques

REFERÊNCIA

DAS, Veena. Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário. Tradução de Bruno Gambarotto - 312 p. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original version 24/03/2022

Aceito em / Accepted 30/05/2023

- 1 Escrever a dor. Essa é a saída que Maria-Nova, personagem de Conceição Evaristo no livro *Becos da Memória*, encontra para “ir adiante”. O livro encerra em um movimento circular que retoma a finalidade da própria autora na escrita da obra (ou melhor, da *escrevivência*). É por meio da escrita que traduz os afetos cotidianos, o processo de desfavelamento vivenciado por ela, seus familiares e vizinhos, as perdas de tio Totó e a prisão de Ditinha seduzida pelo colar de pedra da patroa. Por tudo isso e pelas muitas crianças, iguais a ela, que não vão à escola, “ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos” (Evaristo, 2017, p. 177).
- 2 Mais tarde, Maria-Nova iria escrever. Escreveria “uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora” (Evaristo, 2017, p. 151), recuperando cenas do cotidiano, enquanto busca recomeçar em meio às lembranças dos destroços deixados pelos tratores pesados do processo de desfavelamento e das despedidas difíceis das pessoas queridas. Escrever a dor é uma das tarefas de Veena Das neste livro, traduzido para o

português por Bruno Gambarotto em 2020. De outra forma, Das recupera cenas cotidianas enquanto investiga como é possível reabitar um lugar que antes fora de completa devastação.

- 3 Como antropóloga, escrever a dor significa narrar o que as pessoas viveram, bem como sua própria experiência, porém não se trata de ser um “testemunho objetivo dos eventos, mas como tentativa de localizar o sujeito por meio da experiência de tais limites” (p. 26). Para tanto, é preciso levar em consideração o “modo antropológico de conhecer o sujeito [que] se define em termos das condições sob as quais se torna possível falar da experiência” (p. 286), sendo o texto, na escrita antropológica “aquele que recusa cumplicidade com a violência ao se abrir à dor do outro” (p. 280).
- 4 Esta posição analítica na forma de compreender a violência recusa cumplicidade com o que a autora chama de “amnésia oficial”. O próprio ato de “sentir a dor no corpo do outro” se torna uma forma de conhecimento, da etnógrafa, materializado pela escrita. Nesse sentido, Das argumenta sobre a ética e a responsabilidade necessárias para pensar e escrever sobre dor e violência, sem que busquemos definições dicotômicas. O livro é composto por onze capítulos, ensaios anteriormente escritos pela autora, que de forma impecável se articulam nesta obra.
- 5 No primeiro capítulo, Das apresenta os dois grandes eventos nos quais as reflexões do livro se basearão – a Partição da Índia, em 1947 e o assassinato na ministra Indira Gandhi e o subsequente conflito entre os hindus e *sikhs* de Délhi, em 1984. Entendido como uma ruptura do cotidiano, para compreender e narrar os eventos é preciso recorrer à vida cotidiana das comunidades em questão. Considerando o evento como uma “instância sempre ligada ao ordinário, como se houvesse tentáculos que se deslocam do cotidiano e prendem a si o evento de alguns modos específicos” (p. 29).
- 6 Em seguida, no segundo capítulo, conta a história da “mulher raptada” como estratégia retórica para dar destaque historiográfico à figura de mulheres raptadas e/ou estupradas no período da Partição, excluindo a violação realizada pelos homens. Sob a premissa desse “Estado de exceção”, o Estado utilizou medidas extraordinárias para a “recuperação e devolução” de mulheres, instituindo o contrato social da nação. Sob esse contrato social que se caracteriza como um contrato sexual, a nação indiana foi moldada como masculina. Dessa forma, a autora demonstra como a lei de “pessoas raptadas” foi construída como evento fundador capaz de instaurar a soberania, sob a base emotiva de “homogeneidade e patriarcado hindus” (p. 62), tendo após e durante esse evento, esquecido a voz das mulheres.
- 7 Assim como Stanley Cavell, com quem a autora conversa continuamente neste livro (e quem escreve o prefácio), Das é leitora de Wittgenstein. Justamente por isso, se debruça sobre diversos temas do filósofo enquanto descreve os eventos, principalmente sobre a linguagem, a voz e as “formas de vida”. A forma de vida, como entendida na leitura de Das e de Cavell, é criada “por e para aqueles que estão em posse da linguagem” (p. 39), logo, dentro de uma forma social, é definida pelos critérios do que é humano, uns em relação aos outros. Então, nessa perspectiva, “os critérios da dor não se aplicam àquilo que não exhibe sinais de ser uma forma de vida” (p. 40).
- 8 No terceiro capítulo, “Linguagem e corpo”, a autora conta com Wittgenstein para pensar sobre “como a minha dor pode residir em outro corpo” (p. 69). Assim, passa a refletir sobre o silêncio das mulheres em torno de suas experiências da Partição. Essas mulheres, que tem a violência cravada no corpo e nas memórias, se tornavam

“repositório de conhecimento venenoso” (p. 87), pois essas memórias, perigosas de lembrar, poderiam invadir o presente sem aviso prévio. Outra alegoria para essas experiências de violência, que são simultaneamente individuais e coletivas, é a de “cicatrizes”, utilizada por Moncau (2021, p. 178), tanto no sentido literal quanto metafórico do termo.

- 9 No quarto capítulo, Das elabora como a experiência de tornar-se sujeito na Índia passou pelo processo de subjugação das mulheres, que reocuparam esses signos de violação “por meio do trabalho de domesticação, ritualização e (re)narração” (p. 93). Dessa forma, houve uma formação do sujeito enquanto sujeito *generificado*, “moldada por transações complexas entre a violência como o momento originário e a violência que se infiltra nas relações contínuas” (p. 97). Na sequência, no quinto capítulo, Das trata do “trabalho do tempo” que opera sobre as formas narrativas nas quais a violência cotidiana é tecida. O tempo enquanto um agente que trabalha nas relações sociais permite que as histórias de violência, sobretudo aquelas que residem na memória – tanto individual quanto coletiva – possam ser “reinterpretadas, reescritas, às vezes sobrescritas” (p. 126).
- 10 Avançando nas reflexões sobre a agência do tempo e subjetividade, no sexto capítulo Veena Das demonstra como a temporalidade relativa ao acontecimento, quando colocada em relação a outros eventos que permitem sua (re)narração, é determinante para o impacto dos rumores. Para tanto, utiliza como exemplo o caso do assassinato da ministra Indira Gandhi, em que praticamente quatro décadas depois da Partição da Índia, regiões particulares das memórias de pessoas que viveram este período foram atualizadas, de forma que puderam (re)contar suas experiências como se houvesse alguma continuidade entre os dois eventos.
- 11 No entanto, é importante ressaltar que os rumores não têm o poder de criar os eventos a partir do nada, e é exatamente isso que a autora frisa no sétimo capítulo. Embora os rumores possuam uma força perlocutória, sendo canais de fazer a violência, a linguagem e o evento se constituem mutuamente, “reunindo o passado e tornando-o presente de forma contraída” (p. 152). Dessa forma, por meio do reavivamento de uma memória social da Partição e de imagens que circulavam sobre os eventos imediatos de conflito entre *sikhs* e hindus, os rumores criaram uma atmosfera de terror, tendo como ponto de partida a crise societária gerada pelo assassinato da ministra. Em uma crise, abre-se espaço para a criação e circulação de imagens negativas de si e do outro, que contribuem para a aparência de veracidade dos rumores e sua capacidade de se espalharem, havendo maior dificuldade de distinção entre o que se deve acreditar.
- 12 No capítulo seguinte, a autora demonstra como os rumores ganharam vida e se desdobram em atos de violência reais. A vingança generalizada que foi proclamada aos *sikhs* do país adquiriu significados locais. Em um bairro periférico de Délhi, onde a autora realizou sua pesquisa, alguns grupos de *sikhs* foram alvos da carnificina, enquanto outros não. Ao longo do capítulo, mostra-nos como isso não se deu de forma caótica ou aleatória, mas os conflitos locais de “importância particular” permitiram que o evento extraordinário fosse “localizado, incorporado e atualizado”, e adquiriu um imediatismo que os afetou diretamente. Os eventos que pareciam não ter conexão entre si, revelaram os rastros da forma histórica de exercício do poder local que marcou a violência, invariavelmente atualizada por conflitos mais amplos.
- 13 No nono capítulo, Das descreve o funcionamento do Estado como duplo: oscilando entre um modo racional-burocrático de ser e um modo mágico e misterioso de agir. Essa

dupla existência só é possível graças à sua ilegibilidade, característica definidora do Estado em suas margens – mas não apenas nelas, posto que os próprios funcionários estatais, aplicadores das leis, têm dificuldades de compreensão. Nesta parte do livro a autora reflete a partir da análise de documentos e do modo como os sobreviventes dos tumultos buscaram justiça frente (e apesar) do Estado. Enquanto os documentos são uma das formas que o Estado pode penetrar a vida da comunidade e se replicar, a busca por justiça não é uma questão de tudo ou nada (p. 243), pois mesmo quando não se alcança o resultado almejado, contribui para moldar os processos estatais de alguma forma. Afinal, “é precisamente nessas lacunas que parecem incoerentes que as pessoas encontram os recursos para ver o Estado como “ameaça e garantia”” (p. 241).

- 14 O décimo capítulo expõe três retratos diferentes sobre a dor e o luto vivenciados durante e, sobretudo, depois dos tumultos em Délhi. Esses retratos são relatos de cenas etnográficas, descritos densamente e amarrados à sua reflexividade sobre como é possível reabitar o cotidiano após a devastação. Na sequência, no capítulo final do livro, Veena Das apresenta caminhos para a realização de uma etnografia ética em momentos e/ou lugares nos quais as pessoas foram e são devastadas pela violência. Mais à frente, reflete sobre seu papel nesses locais enquanto antropóloga e, particularmente, o que pôde ser feito de forma prática enquanto os tumultos estavam acontecendo para que pudessem realizar as “tarefas de sobrevivência” (p. 286), além de trazer outras questões éticas próprias do fazer etnográfico.
- 15 É preciso ressaltar que além da atualidade e da necessária tradução desta obra para o português, a autora e suas reflexões continuam a instigar a produção brasileira nas Ciências Sociais. Especialmente aquelas e aqueles que se propõem a pensar, com sensibilidade e ética, acerca da vida cotidiana. Em um texto recente sobre a produção antropológica e o contexto de pandemia (Das, 2020), Das enfatiza como o conhecimento antropológico pode ser útil para o momento. E levanta dilemas que vem passando: “como discutir questões de justiça e como evitar que escorreguemos no moralismo” (p. 3), que nos ajuda a refletir sobre as formas de tomada de decisão em momentos de muita incerteza e urgência. Assim como as palavras de Maria-Nova, as palavras de Veena Das escrevem a dor, contam histórias e abrem novos caminhos.

BIBLIOGRAFIA

DAS, Veena. **Encarando a Covid-19**: Meu lugar sem esperança ou desespero. Tradução de Marcella Araújo. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* – Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia 2020 – pp. 1-8

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

MONCAU, Gabriela. “**Nóis por nóis**” como luta constante: uma etnografia das mulheres da Ocupação Esperança. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo - PPGAS/USP. São Paulo, 2021.

AUTOR

THALIA MARQUES

Mestranda em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo nº 2020/13521-2)

E-mail: thaliagmarques@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0452-7833>